

**CONCURSO LITERÁRIO**  
**DA ASSOCIAÇÃO DE APOSENTADOS**  
**E PENSIONISTAS DA CODEVASF**  
**“VIDA NOVA”**

**“À sombra de um pé de algaroba”**

***Pery Quaresma Medeiros***

***(Tupi Guarani)***

Desde que tomei conhecimento do projeto da Associação VIDA NOVA de convidar a família codevasfiana (composta de “ex-servidores”) para transformar em “Conto”, uma possível história por eles vivenciadas no Vale do Rio São Francisco - O Velho Chico, imediatamente, reportei-me à segunda metade da década de 1970, quando ali ocupava uma função de Confidência da administração superior da Codevasf na área de administração e finanças da recém criada 3ª Diretoria Regional, com Sede em Petrolina, no Estado de Pernambuco.

Foi uma viagem no tempo, da qual ainda guardo muitas lembranças, dando vasas à saudade por certo reparadora...

Como carioca de nascimento e de origem, fui levado, de uma hora para outra, ao convívio dos sertanistas que habitavam a região semi-árida do Vale do Rio São Francisco, onde as cidades de Petrolina e Juazeiro, despontavam como novos Centros de desenvolvimento Sócio-econômico do majestoso Vale do Rio São Francisco.

Saí de uma cidade litorânea (Niterói/RJ) – de clima ameno e refrescante, para conviver, juntamente com a minha família, numa região de clima causticamente – em meio ao polígono das secas do Nordeste brasileiro, que sabia ser tão decantado em prosa e versos, pelos historiadores e cantadores nordestinos.

Constatamos que a região estava vivenciando um período de transformações marcantes na área da Agricultura irrigada, com pesados investimentos realizados pela Codevasf, empresa pública do Governo Federal, implantando novos projetos e promovendo a melhor ordenação das águas do Rio São Francisco, em benefício de uma população carente, tendo, por sua vez, como suporte um duro empreendimento Federal na região – A construção da Represa de Sobradinho.

Tais empreendimentos do Governo Federal, alavancaram a economia agrícola do Vale do Rio São Francisco, tornando a sustentável e bem diversificada, permitindo, assim,

a inclusão da região no cenário Produtivo Nacional de Frutas, tais como: a melancia, o melão, a manga e uvas; bem como da cebola, suprindo, desta forma, às necessidades do povo brasileiro em geral, durante todo o ano agrícola, com aproveitamento de diversas safras agrícolas.

Para mim e minha família seria um desafio a ser vivido num ambiente por demais hostis e que seria; a partir de então o nosso dia-a-dia...

Mas, apesar disso, tudo ali me encantava: a hostilidade de sua gente simples, os animais tão diferentes e, principalmente, o contato com uma vegetação diversificada, diferente daquela que eu estava habituado a ver e sentir...

Passei, assim, a analisar o comportamento humano do nordestino da região e a pujante Flora da Caatinga com olhos críticos e observadores, demonstrando, aqui e ali, minha curiosidade e face das diversificações presentes em um ambiente, tão rude e tão acalorado.

Foi no exercício dessa curiosidade, que me deparei com uma vegetação típica da Caatinga – o pé de Algaroba; cuja árvore era utilizada pela municipalidade para arborizar as vias públicas das mencionadas cidades (Petrolina/Juazeiro).

Surpreendia-me, diariamente, com essa majestosa árvore – pois em frente a minha residência em Petrolina/PE; havia um pé da Algaroba com enorme copa, evidenciando um porte altaneiro, que passei a admirar e a consagrá-la dentre outras tantas vegetações da Caatinga, tais como: o Mandacará, o Cacto, o Umbú, o Ico, a Jurema (branca e preta)etc...

Observamos que aquela árvore não era um privilégio somente meu, vez que, inúmeras ruas das cidades de Petrolina e Juazeiro, eram também, ornamentadas como inúmeros pés de Algaroba – cujos portes, como já mencionei, sempre se nos apresentavam majestosos, oferecendo aos transeuntes das diversas vias públicas, uma

sombra reparadora, revitalizando as energias de todos aqueles que dela se serviam, para se obrigarem, de vez em quando, do sol forte daquela região do país.

Seu porte era, portanto, por demais marcante, permanecendo, durante todo o ano – apesar da canícula, com sua folhagem sempre verde, num permanente convite àqueles que por ali passavam, para o refrigério da sua caminhada.

Sendo poucas as marquises nas referidas cidades, a Algaroba se nos apresentava como sendo um verdadeiro abrigo natural para as pessoas e animais que por ali circulavam...e a Algaroba. Sempre altaneira, deixava cair, sobre aqueles, gotículas de orvalho, permitindo, assim, um perene frescor. Que era tão reparador.

Para o carioca, com eu. Que tudo via e admirava, sentia-me deslumbrado co esse comportamento acolhedor e inesquecível, como se fosse uma mãe que chorava lágrimas de alegria, por acolher em sua sombra, tantas aflições de um povo carente.

E para completar sua benevolência, no período das secas, oferecia suas folhagens – sempre verdinhas, aos animais acalorados e famintos. Era uma verdadeira festa para os bodes, cabras, bois, jumentos etc, que tinham ali uma especial forragem apreciada que era oferecida pela mãe natureza.

A Algaroba era, portanto, para mim, um verdadeiro cipoal de utilidades para uma população humana e de animais, que se nos apresentava tão simples e carentes de bens materiais, numa região do vale do Rio São Francisco, que implodia para se tornar no amanhã de nossas vidas, numa importante zona econômico-social.

Fizemos essa analogia ao pé de Algaroba para que pudéssemos, aqui agora, evidenciarmos uma nova faceta daquela vegetação, tida e havida como importantíssima para o Sertão nordestino.

E para tanto, queremos nos reportar à figura lendária do “Cebileiro” – que naquela época passou a ser uma figura emergente de uma atividade agrícola por demais próspera

que era o plantio da cebola oriunda da efetiva implantação da agricultura irrigada pela Codevasf, na região do Vale do Rio São Francisco...

Essas criaturas – representadas por grandes e pequenos produtores de cebola da região, passavam, de uma hora para outra, a movimentarem enormes recursos financeiros decorrentes da comercialização daquele produto, competindo em igualdade de condições com os produtores paulistas e suprindo, com eficiência, o mercado nacional de cebola nas épocas, principalmente, de entre-safra.

Este fato inesperado para muitos e, inclusive, para as autoridades político-administrativas de então, fez com que os mesmos – em toda região do Vale do Rio São Francisco – Fossem transformadas em grandes correntistas, sendo, por isso, disputados pelos diversos estabelecimentos bancários das cidades de Petrolina e Juazeiro, oferecendo-os vantagens pelos depósitos em conta-corrente por eles realizados e os transformando, de repente, em novos ricos da região.

Ocorre que, infelizmente, os citados ceboleiros deslumbrados pelo dinheiro fácil, não foram preparados psicologicamente para esses novos tempos, fazendo com que, muito deles, se aventurassem na realização de investimentos, por vezes descabidos para o momento. Por eles vivenciados, esquecendo-se, completamente, das carências familiares de suas proles que estavam a merecer maiores cuidados de seus chefes de família, quer seja na reformulação de moradias ( rotas e geminadas) e na assistência médico-odontológico de suas esposas e filhos...

Assim, é que muitos deles, todos observados, pessoalmente, pelo narrador, adotaram como “robe” a aquisição de carros novos, muitos deles possuindo vários veículos automotivos (1.2.3.4...) de preferência caminhonetes de cabine simples e duplas (C-10), vez que tais bens representavam poder, um novo padrão de vida dentro da sociedade, um verdadeiro luxo...

Suas casa, como já disse, rústicas e geminadas - co esgoto Abéu aberto escorrendo pela calçada ao longo. Do meio fio, não dispunham de espaço para guarda de tantos veículos.

Assim, para guarda desses veículos ( todos novos – 0 km), estava a exigir de cada um deles, uma improvisação natural... e como haveria de ser?! ...

Adotaram, para isso, a sombra frondosa de uma vegetação típica da região, abrigando-os à sombra de um pé de Algaroba, localizado em suas propriedades rurais ou de um pé que ornamentava a via pública, em frente ao seu Casebre.

Surgia, então, mais uma utilidade ao pé de Algaroba, que passou a fazer parte das reflexões deste carioca, que procurou divagar pelo túnel do tempo e de cujos momentos jamais serão, novamente, por mim vivenciados.